
A Maldição do Verdadeiro Amor
Autora da trilogia Caraval
Stephanie Garber
Gutenberg

A Maldição do Verdadeiro Amor



Stephanie Garber

Nota da autora

Caro leitor,

Eu sempre quis escrever um livro com finais alternativos. Quando eu era criança, adorava o filme *Os sete suspeitos*. E uma das coisas que eu mais gostava nesse filme era o fato de ele ter três finais diferentes.

Desde que eu comecei a escrever, queria criar uma história com finais alternativos. Mas não sabia direito como, até começar a trabalhar em *A maldição do verdadeiro amor*.

Se você já leu *A maldição do verdadeiro amor*, deve estar familiarizado com a maldição das histórias do Magnífico Norte. Ela apareceu pela primeira vez em *Era uma vez um coração partido,* quando Evangeline explica que, no Magnífico Norte, contos de fadas e histórias verdadeiras são tratadas como se fossem a mesma coisa, já que todas as histórias e lendas do Norte foram amaldiçoadas. Algumas lendas não podem ser escritas, porque pegam fogo. Outras não podem sair do Norte. Outras, ainda, mudam a cada vez que são contadas e vão se tornando menos verdadeiras a cada reconto.

É isso que acontece com "A balada do Arqueiro e da Raposa", o conto de fadas preferido de Evangeline, do qual ninguém consegue lembrar do fim. Existem outras histórias no Norte, como a lenda da Valorosa, que tem finais alternativos, e ninguém sabe qual é o verdadeiro.

Como *A maldição do verdadeiro amor* pode ser considerado um conto de fadas do Norte, achei que fazia sentido a história ser

afetada por essa maldição e que seria o livro perfeito para escrever finais alternativos.

Escrevi esses finais como epílogos-bônus, e a editora brasileira optou por disponibilizá-los *online*. Leia-os a seguir.

Houve uma época em que eu cheguei a pensar na possibilidade de usar um desses três finais para o livro. Mas agora eu amo como *A maldição do verdadeiro amor* termina, adoro finais que deixam alguma coisinha para o leitor imaginar. Mesmo assim, pensei que os leitores que realmente gostaram da série iam querer algo a mais. Então eis-me aqui, dando-lhes algo a mais.

Só não se esqueça que o final alternativo que você está prestes a ler não é parte oficial do livro — é apenas um bônus. Considero esse final como algo que poderia ter acontecido, não como algo que realmente aconteceu.

Bjs,
Stephanie.

Epílogo-Bônus 1

A Grota

A Grota

Estalagem para viajantes,
aventureiros e todos aqueles
que procuram um final feliz

Houve uma época, não faz tanto tempo assim, em que a loja de curiosidades do pai era o único lugar onde Evangeline Raposa queria estar. Durante tanto, tanto tempo, a garota acreditou que jamais seria capaz de amar outro lugar tanto quanto amara aquela loja, com sua sineta mágica na porta, suas caixas de madeira cheias de objetos insólitos e as intermináveis lembranças que tinha dos pais ali, vivas entre aquelas paredes espetaculares.

Evangeline não apenas se sentia em casa na loja de curiosidades: sentia que aquele local era uma parte dela mesma. E, apesar disso, quando Jacks lhe falou que os dois poderiam ir a qualquer lugar, desde que estivessem juntos, a loja de curiosidades não foi a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Vamos para a Grota — disse ela, na ocasião.

O Príncipe de Copas deu a impressão de ter ficado com o pé atrás e, quem sabe, um tanto nervoso — era difícil dizer ao certo, já que o rosto dele estava todo cheio de hematomas e cortes, porque Jacks acabara de brigar com alguns dos homens da família Valor. Mas, mesmo que não levasse em consideração a expressão do Príncipe de Copas, Evangeline sentiu que o Arcano tinha tanto medo de perdê-la quanto ela tinha de perdê-lo.

Jacks estava falando sério quando disse que jamais a perderia de vista.

Quando estavam na Grota, o Príncipe de Copas nunca ficava longe de Evangeline. Às vezes, quando ela estava lendo, cochilando ou dando comida

para os dragõezinhos lá fora, a garota virava para trás e dava de cara com Jacks, apoiado, de um jeito insolente, em uma árvore, parede ou muro, observando-a descaradamente.

Evangeline achou que acabaria se acostumando com a presença de Jacks, com vê-lo entrar de repente em algum cômodo ou com acordar todas as manhãs ao lado do Príncipe de Copas. Mas, mesmo passados alguns meses, ainda sentia um frio na barriga e se surpreendia ao vê-lo sorrir.

Viver com Jacks era estranho, assim como é estranho, de um jeito delicioso, vivenciar um dia de calor em pleno inverno ou olhar para o céu e ser surpreendida por uma chuva de meteoros.

Não deveria ser possível amar Jacks mais do que Evangeline já amava. Mas a garota achava que, a cada dia que passava, tornava-se um pouquinho diferente do que era no dia anterior — e pensava que esse pouquinho era uma parte sua que se apaixonava cada vez mais pelo Príncipe de Copas.

Evangeline poderia muito bem ter ficado escondida na Grota, a sós com Jacks, para sempre. Seria feliz em meio às flores alegres, aos dragõezinhos simpáticos e à magia que pairava no ar daquele lugar. A Grota não era mais a mesma da época em que a pedra do contentamento ficava dentro do relógio do saguão. Mas tampouco era o local dilapidado que, em um primeiro momento, a garota pensou que poderia se transformar, depois que levou a pedra dali.

A impressão era de que, assim que Evangeline tirou a pedra do contentamento de dentro do relógio, a Grota entrou em luto. Sua preciosa pedra fora roubada. Em seguida, as duas únicas pessoas que visitaram o local depois de séculos foram embora de forma abrupta, sem sequer se despedir.

Logo que Evangeline e Jacks voltaram para a estalagem, a Grota adotou uma atitude gélida em relação aos dois, para dizer a verdade. Portas batiam. Janelas ficavam emperradas. Guarda-roupas se recusavam a abrir. Das torneiras, corria apenas água gelada.

— Acho que esse lugar está zangado com a gente — comentou Jacks, na época. — Espere alguns dias. A Grota será mais calorosa. — Nessa hora, as paredes sacudiram. — Se isso não acontecer, vamos embora — completou o Príncipe de Copas, jogando um dardo para cima. — Podemos construir uma nova estalagem... melhor do que essa.

Jacks pegou o dardo no ar, jogou de novo e errou o alvo de propósito:

a ponta afiada do objeto penetrou na parede, não na cortiça. Depois disso, as portas pararam de bater, as janelas não ficavam mais emperradas e os guarda-roupas estavam mais dispostos a abrir as portas.

À medida que os dias foram passando, a Grota foi ficando cada vez mais amistosa. Começaram a aparecer flores recém-colhidas em cima das mesas. Evangeline encontrava lenha nova nas lareiras todas as manhãs, ao alvorecer. E, sempre que ia tomar banho, a água estava quentinha, na temperatura perfeita.

A Grota queria que os dois ficassem ali.

Não demorou muito para ficar bem claro que o local desejava que outras pessoas também ficassem ali. A placa de "Lotado" não parava de cair da tabuleta maior, que dava as boas-vindas a viajantes e aventureiros.

Jacks foi logo colocando a placa de "Lotado" de volta ao seu devido lugar. Mas, passadas três semanas — durante as quais a placa caía no chão e ficava atolada na lama —, Evangeline entendeu a indireta nem um pouco sutil dada pela Grota: o local estava pronto para reabrir as portas e receber novos hóspedes.

E, sendo assim, em uma manhã de sol com aroma de madressilva e morango, Evangeline se dirigiu à tabuleta de boas-vindas com dois baldes de tinta: um branco, cor de creme de leite, e outro dourado, cintilante e encantador, cor de tesouro de dragão.

A placa de "Lotado" já havia caído no chão, e a garota a deixou por ali mesmo. Mergulhou o pincel na tinta cor de creme de leite e pintou, com o maior capricho, o fundo da antiga tabuleta de boas-vindas. Depois que o fundo secou, pintou, também com capricho, as letras, usando o dourado cor de tesouro de dragão.

A Grota

Estalagem para viajantes,
aventureiros e todos aqueles
que procuram um final feliz

Quando pintou a vírgula entre "viajantes" e "aventureiros", a última cicatriz em forma de coração partido que Evangeline tinha no pulso começou a formigar.

A garota não ouviu que Jacks havia se aproximado.

Os passos do Arcano sempre tinham uma leveza sobrenatural. Mas Evangeline ouviu, sim, o Príncipe de Copas soltar um ruído de decepção, algo entre um grunhido e um suspiro, quando ela terminou de pintar as últimas três palavras.

— Isso não vai dar certo, de jeito nenhum.

— Por que não? — perguntou Evangeline, virando-se para trás.

Jacks estava de calça verde-oliva e camisa cor de creme com as mangas arregaçadas e desabotoada até a metade. O cabelo dourado estava todo bagunçado, como sempre, e quando a garota olhou para o Arcano, o coração dela se sobressaltou, de leve.

— Qual é o problema? — perguntou.

Evangeline estava até orgulhosa do trabalho que fizera na tabuleta: andara treinando a pintura de letreiros e achava que tinha ficado bem bonito.

Jacks franziu o cenho, e seus lábios esboçaram um esgar mal-humorado.

— Acho que vai atrair gente demais.

A garota deu risada.

— Mas é esse o objetivo de uma estalagem, seu bobinho.

O Príncipe de Copas franziu ainda mais o cenho. Provavelmente, por ter sido chamado de "bobinho".

Essa reação fez o sorriso de Evangeline ficar ainda mais largo.

E aí o Príncipe de Copas segurou a fita que marcava a cintura da garota e a puxou mais para perto de si. Evangeline já havia notado que Jacks não aguentava ficar muito tempo sem encostar nela. Prender uma mecha de cabelo atrás da orelha, mexer nas alças do vestido, vir por trás e beijar a nuca, enlaçando-a com seus braços gelados e sussurrando coisas que, não raro, a faziam corar.

— Não quero mais ninguém aqui, só você — murmurou Jacks.

Em seguida, com um de seus movimentos rápidos como um raio, roubou o pincel das mãos da garota, com a maior facilidade.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou Evangeline, dando um gritinho quando o Príncipe de Copas soltou sua cintura e foi passando o pincel na tabuleta, adicionando duas letras à palavra "feliz".

— Prontinho — disse ele, todo convencido. — Já consertei.

Evangeline fez careta, e o dragãozinho azul que, até então, estava empoleirado na tabuleta, todo feliz e contente, também fez. A mensagem de boas-vindas, ainda molhada após a intervenção de Jacks, agora era a seguinte:

A Grota

Estalagem para viajantes,
aventureiros e todos aqueles
*que procuram um final **IN**feliz*

— Ninguém vai entrar se estiver escrito isso — protestou a garota.

— Não seja tão pessimista. — O Príncipe de Copas, então, atirou o pincel no balde de tinta, sem o menor cuidado. — Certas pessoas vão entrar mesmo assim. Só vão ser um pouquinho amaldiçoadas se tiverem a audácia de se hospedar aqui.

Jacks tornou a sorrir, exibindo uma de suas covinhas. Era óbvio que havia gostado da ideia de amaldiçoar os hóspedes. Evangeline, entretanto, pensou que o Príncipe de Copas gostava mesmo era de atormentá-la. A garota tinha que admitir: de fato gostava quando Jacks a provocava e atormentava. Certa vez, disse para o Arcano que se contentaria, de bom grado, com um final feliz sem grandes emoções. Mas, na verdade, ela preferia, sem dúvida, levar aquela vida com Jacks, que jamais seria sem grandes emoções.

Evangeline ainda acreditava em finais felizes, claro, e esperava ter muita felicidade ao lado de Jacks. Mas já não tinha mais tanta certeza em relação à parte do "sem grandes emoções". Não queria mais ficar sentada, quietinha, quando a história chegava ao fim. Queria continuar entrando em novas histórias. Queria amar, descobrir, sentir. Queria uma vida na qual tivesse a sensação de estar correndo por um campo de flores silvestres e se deparasse com um portão que a levaria até um desconhecido encantado. E queria fazer tudo isso na companhia de Jacks.

Epílogo-Bônus 2

Uma segunda chance

Dragões perseguiam borboletas.

Folhas balançavam ao vento.

Era um lindo dia no Magnífico Norte. Um dia quase perfeito. Evangeline odiava sair escondida de Jacks. Na verdade, um lado dela torcia para que o Príncipe de Copas a pegasse no flagra antes que conseguisse sair. O Arcano havia falado sério quando disse: "Nunca vou perder você de vista".

O Príncipe de Copas de Evangeline nunca ficava longe dela, a não ser quando a garota ia colher maçãs. Jacks nunca mais jogou sequer uma maçã para cima.

Semanas atrás, Evangeline encontrou uma enseada encantadora repleta de árvores perfumadas que, sabe-se lá como, viviam cheia de maçãs doces, assim como de flores de macieira rosa e brancas.

Jacks havia pendurado um balanço em uma das árvores favoritas dela, só que Evangeline não usava muito esse balanço, já que o Príncipe de Copas preferia nem pôr os pés na enseada das macieiras.

A garota não sentiu que estava sendo seguida pelo Arcano quando foi até a árvore em que ficava o balanço, onde escondera um cesto muito especial. Ainda assim, ela se certificou de que Jacks não estava por perto, olhando discretamente para trás com todo o cuidado.

Uma única maçã de uma árvore próxima caiu no chão, suavemente, e Evangeline pensou que uma raposa poderia passar por ali mais tarde e colhê-la, já que esses animais gostam muito de maçãs.

A garota foi logo levantando a tampa do cesto de vime e tirou dele a pedra da verdade, que havia escondido ali dentro. A gema reluzia com um brilho amarelo, cor de caramelo, e continuava tão linda e luminosa quanto

no dia em que Evangeline a descobriu, no túmulo de Glendora Massacre do Arvoredo.

Como a pedra não estava mais presa a uma corrente, a garota a colocou no bolso. Teria levado a gema na mão, mas estava querendo caminhar um pouco e sabia que, se encontrasse alguém, a pessoa se sentiria imediatamente atraída pela pedra mágica.

Apesar de o Arco da Valorosa ter sido aberto, tornando impossível utilizar novamente as quatro pedras para voltar no tempo, as pedras individuais ainda mantinham seus respectivos poderes. Honora Valor emprestara aquela gema específica para Evangeline há um bom tempo, mas só agora a garota se sentiu preparada para usá-la.

Para ser sincera, ainda não se sentia muito bem preparada para usá-la. Mas temia que, se não fizesse aquilo agora, talvez jamais fizesse.

Evangeline apertou o passo no mesmo instante em que ouviu um ruído de passos vindos de trás dela.

Não sabia ao certo quando Jacks começara a segui-la.

Até agora, o Arcano estava excepcionalmente calado. Mas Evangeline conseguia sentir que era ele. Conseguia sentir o formigamento na pele quando entrou no túnel que a levaria à Árvore das Almas.

À medida que foi percorrendo o túnel, continuou esperando que Jacks lhe perguntasse o que estava fazendo ali ou que chamasse sua atenção para que ela parasse de andar. Mas, talvez, o Príncipe de Copas tivesse finalmente entendido que a garota adorava discutir com ele e, portanto, estava calado, porque sabia que essa seria a maneira mais efetiva de deixá-la frustrada.

— Sei que você está aí — disse a garota, por fim.

Poderia ter virado para trás e encarado Jacks, mas finalmente chegara ao fim do túnel. Evangeline agora estava parada dentro da enorme caverna onde a Árvore das Almas habitava e deu-se conta de que não gostava da ideia de ficar de costas para aquela árvore insólita.

Quando se aproximou, conseguiu sentir o coração da árvore batendo — *tum-tum-tum* — debaixo do solo, e foi nessa hora que Jacks finalmente surgiu ao seu lado. Estava com uma calça verde-oliva escura e uma camisa cor de creme com as mangas arregaçadas e meio desabotoada. O cabelo dourado estava todo bagunçado, e quando Evangeline olhou para ele, o Arcano deu um sorriso meio torto.

— Resolveu me sacrificar? — perguntou Jacks.

— Eu jamais faria isso!

— Eu sei. — O Príncipe de Copas lançou um olhar provocador, pequenas partículas de prata brilhavam em seus olhos. — Já vi que você fica um caco quando não estou por perto.

— É por isso que você me seguiu?

— Não. Eu te segui porque sou absurdamente ciumento e não gosto da ideia de você vir visitar Apollo...

Jacks parou de falar de repente, porque viu a pedra da verdade brilhando na mão de Evangeline.

— Onde foi que conseguiu isso?

— Honora Valor me emprestou.

— Por quê? — perguntou o Arcano, desconfiado.

Evangeline adoraria ter dito algo enigmático, como "Espere só para ver". Mas estar de posse da pedra da verdade significava que ela não tinha muita escolha, que não fosse ser sincera.

— Da última vez que Honora nos visitou, comentei sobre algo que tenho vontade de fazer, e ela me disse que a pedra da verdade poderia ajudar. Falou que essa pedra não apenas obriga as pessoas a dizerem a verdade. Sob as devidas circunstâncias, também pode ser usada para *escrever a verdade*.

A garota tirou uma adaga do cinto e furou a ponta do dedo, até ficar com um pouco de sangue acumulado.

Jacks lançou um olhar de desconfiança para o sangue.

— Raposinha... diga que você não pretende abrir essa árvore e deixar Apollo sair lá de dentro.

— Eu não... não exatamente.

O Príncipe de Copas foi logo segurando o pulso da garota, antes que ela conseguisse passar mais sangue da mão para a pedra da verdade.

— Ele tentou te sacrificar — vociferou Jacks. — Apollo é um monstro.

— Não estou dizendo que ele era boa pessoa — retrucou Evangeline. — Eu só fico pensando que você mudou, e isso me faz achar que ele também deveria ter a chance de mudar.

— Acho que ele já teve tudo o que merece — resmungou Jacks. — E, se não fosse você, eu jamais teria mudado. Não teria sido tolo ao ponto de

terminar preso dentro de uma árvore, mas garanto que merecia coisa parecida.

Evangeline viu um raro laivo de arrependimento lançar uma sombra no belo rosto de Jacks.

Ficou tentada a tirar essa sombra com os dedos, mas uma mão estava segurando a pedra da verdade e a outra estava coberta de sangue, presa por Jacks.

— Sou grata por nem todos nós termos o que merecemos — disse ela, baixinho. — E talvez você tenha razão. Talvez isso seja tudo o que Apollo mereça. Mas não paro de pensar que, se nós não tivéssemos feito mal a ele, Apollo poderia não ter acabado aí dentro. Ele foi amaldiçoado três vezes... ou quatro, dependendo do que realmente conta como maldição. E, apesar de eu não acreditar que isso justifique as coisas terríveis que fez, ainda assim ajudamos a transformá-lo em um vilão.

— Eu amaldiçoei muita gente. — Jacks foi puxando Evangeline enquanto falava, aproximando-a lentamente de seu corpo, segurando a mão ensanguentada da garota até deixá-la nas costas dele. Então se abaixou e sussurrou: — Nem todas se tornaram vilãs, Raposinha.

Ele roçou os lábios nos dela, meio que debochando, meio que provocando,

— Pare de tentar me distrair — murmurou ela.

— Nunca vou parar de tentar te distrair.

Jacks mordiscou o lábio inferior de Evangeline, meio que de brincadeira, depois a beijou, não brincando nem um pouco.

As folhas da árvore farfalharam atrás dos dois.

Evangeline se afastou e viu o contorno do rosto de Apollo preso na árvore, fazendo careta para eles, lá de dentro do tronco.

— Você só fez isso porque Apollo estava vendo!

— Não foi só por causa de Apollo.

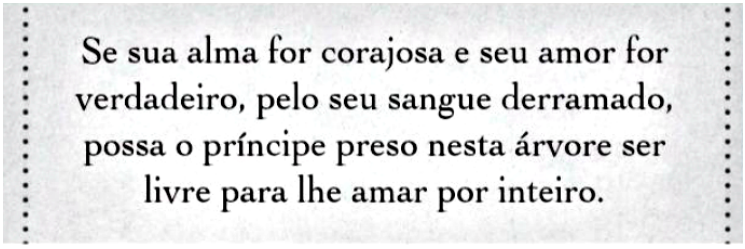
Os olhos de Jacks ficaram com um brilho maligno.

Evangeline se desvencilhou do Arcano, dando com uma bufada discreta. Em seguida, antes que ele conseguisse segurá-la, furou o dedo mais uma vez, até sair sangue.

— Só estou dando mais uma chance para Apollo — disse Evangeline. — Honora me falou que, com um pouquinho de sangue mágico, a pedra da verdade pode ser usada para escrever uma nova profecia.

— E eu que achei que você já havia aprendido a lição quando o assunto são profecias.

Só que, desta vez, Jacks apenas cruzou os braços em cima do peito enquanto Evangeline molhava a ponta da pedra da verdade com o próprio sangue. Em seguida, ela escreveu as seguintes palavras na Árvore das Almas:



— Precisa rimar para dar cerro? — perguntou Jacks, erguendo a sobrancelha.

— Não. Eu só quis que rimasse. Acho que assim parece mais oficial. Mas o que vale mesmo é a intenção. De acordo com Honora, é por isso que, normalmente, as profecias podem ser tão complicadas... Às vezes, a intenção não fica muito clara.

— Qual foi a sua intenção? — perguntou Jacks.

— Que Apollo possa ser libertado, mas apenas quando seu verdadeiro amor derramar o próprio sangue.

— Só isso? — Jacks ergueu a sobrancelha de novo, desconfiado. — Sem nenhuma pegadinha? O cretino simplesmente se livra da árvore se o verdadeiro amor dele tropeçar por aqui e sangrar em cima dessa árvore?

Evangeline fez que sim.

Jacks sacudiu a cabeça.

— Acho que você está sendo bondosa demais.

Um segundo depois, a pedra da verdade sumiu da mão de Evangeline, e Jacks estava derramando o próprio sangue nela.

— O que você está fazendo? — perguntou a garota.

— Você disse que somos os responsáveis por Apollo ter se tornado um vilão. Só estou fazendo a minha parte, ajudando com a profecia que irá consertar isso.

O Príncipe de Copas escreveu, às pressas, mais palavras com o próprio sangue na árvore, no lado oposto daquele que Evangeline escrevera sua

profecia.

A garota sacudiu a cabeça ao ler as palavras do Arcano.

— Você só adicionou um cronograma e outra maldição. O verdadeiro amor não deve ser amaldiçoado!

Jacks deu de ombros, sem demonstrar a menor preocupação.

— Apollo é maligno e agora é imortal. Se um dia for libertado desta árvore e quiser continuar livre, acho justo ele ter que fazer por merecer.

— Não acho justo o que você escreveu. Acho impossível.

O Príncipe de Copas respondeu com um sorriso convencido, mostrando as duas covinhas.

— Pensei que você acreditava que, para o verdadeiro amor, nada é impossível, Raposinha.

Epílogo-Bônus 3

Aurora Valor tenta abrir caminho a faca até seu "felizes para sempre"

Aurora Valor era muitas coisas. Ela era inteligente, egoísta, linda — extrema e extraordinariamente linda, também era corajosa, mesquinha e calculista. Mas jamais era displicente. Ao contrário de Evangeline Raposa.

Só que agora Aurora estava em dúvida, achando que deveria ter sido mais displicente. Talvez tivesse depositado uma confiança excessiva nas visões do futuro que Vesper, sua irmã, tivera. Talvez estivesse na hora de ser imprudente, impulsiva, de fazer algo que poderia ocasionar um futuro completamente desconhecido por ela.

Aurora se aproximou da Árvore das Almas. Os galhos farfalharam. Ela não saberia dizer se foi para cumprimentá-la ou, possivelmente, para feri-la.

— Olá — disse a garota, baixinho.

Normalmente, árvores e outras plantas gostavam de Aurora. Flores sempre desabrochavam quando ela se aproximava. Em geral, as florestas nas quais se embrenhava eram simpáticas, soltavam folhas, cobrindo trilhas enlameadas, para que a garota não sujasse a barra dos vestidos. Só que esta árvore, com seu coração que batia de um jeito inquietante, fazendo o chão pulsar, não parecia lá muito feliz em vê-la.

Aurora olhou para todos aqueles rostos aprisionados no tronco da Árvore das Almas. Eram tantos, e todos a observavam com um olhar de tristeza ou recriminação. Quando localizou o impressionante rosto de Apollo, teve a sensação de que o príncipe olhava feio para ela, com um ar ainda mais cáustico do que os demais. Mas, na verdade, Apollo deveria ter adivinhado que não podia confiar em Aurora. Na época em que era uma das princesas do Magnífico Norte, fora aconselhada — tanto pelo pai quanto

pela mãe — a confiar apenas em pessoas da família.

Claro que, agora, estava sendo perseguida pela própria família.

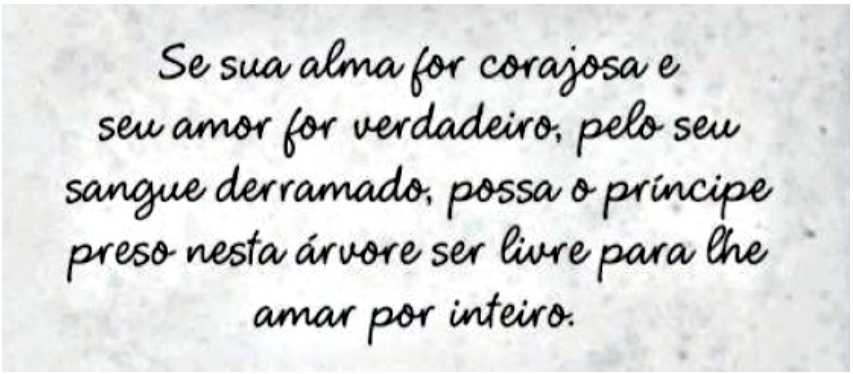
Não deveria estar ali, de forma alguma: deveria ter fugido, ido para o ponto mais ao sul possível. Só que Aurora não gostava muito do calor e não fora capaz de resistir ao ímpeto de conferir se Jacks e Evangeline eram mesmo felizes juntos. Talvez estivessem se desentendendo ou, quem sabe, o Príncipe de Copas já tivesse se cansado daquela garota e da esperança sem fim dela. Mas, quando a ex-princesa do Magnífico Norte descobriu que o casal vivia na Grota, sob o mesmo teto, e foi até lá tirar a teima, ficou com a impressão de que os dois chegavam a ser ridículos, de tão apaixonados.

Aurora sabia que essa era uma atitude deplorável de sua parte, mas queria destruir aquele amor. Queria roubá-lo, para que Evangeline sofresse tanto quanto ela estava sofrendo.

Pegou a adaga, pronta para fincá-la na árvore e beber o sangue da planta, na tentativa de descobrir se, quem sabe, a Árvore das Almas ceifaria a vida de Jacks em troca da sua imortalidade.

Só que não teve coragem de fazer isso. Não tinha cem por cento de certeza de que a árvore mataria o Príncipe de Copas e não queria acabar do mesmo jeito que Apollo. E também percebeu uma coisa na qual não havia reparado da última vez que ali estivera.

— O que é isso? — murmurou. Em seguida, aproximou-se, com todo o cuidado, do tronco, onde alguém havia escrito as seguintes palavras:



A garota contemplou essas palavras apenas por um segundo. A profecia devia ter sido escrita por alguém como forma de libertar Apollo. E, apesar de a ex-princesa não ter muita vontade de vê-lo novamente, sabia que o retorno do príncipe chatearia Evangeline e Jacks. Com sorte, talvez até

pusesse fim ao relacionamento dos dois.

Ela sentiu uma onda de adrenalina quando cortou a palma da própria mão com a adaga. Fora até ali para ser imprudente e impetuosa, e era exatamente isso que estava fazendo. Pois, apesar de ser a primeira vez que via aquela profecia, sabia o suficiente sobre profecias para ter certeza de que havia mais coisa por trás daquelas palavras do que poderia parecer à primeira vista.

O sangue se acumulou no corte e começou a escorrer.

Ping. Ping. Ping.

Três círculos vermelhos perfeitos caíram no chão. E, só para garantir, Aurora passou a mão ensanguentada na árvore. E teve esperança. Provavelmente, teve esperança do tipo errado, já que, na verdade, não havia nenhum amor envolvido. Mas, depois de sangrar e de ter esperança por alguns instantes, sentiu uma mudança no ambiente da caverna. Dava a impressão de que o ar soltava faíscas. A garota era capaz de ouvir o chiado dessas faíscas. Depois, foi capaz de sentir a casca da árvore pulsando sob a palma da mão. *Tum. Tum. Tum.*

Aurora foi logo tirando a mão do tronco da Árvore das Almas e deu um passo para trás, por precaução. Ficou observando, e a árvore continuou a pulsar. *Tum. Tum. Tum.*

Ela segurou a respiração.

Mas nada aconteceu.

Alguns segundos depois, o coração da árvore deixou de bater tão rápido. A ex-princesa ainda era capaz de sentir a pulsação sob os pés, mas mal e mal. A planta devia apenas ter ficado empolgada por ter bebido o sangue dela.

— Eu nem achava que ia funcionar mesmo — resmungou Aurora.

E foi aí que ouviu uma tosse vinda do outro lado da árvore, seguida de um grunhido.

A garota foi logo contornando o gigantesco tronco da Árvore das Almas.

Um rapaz se erguia do chão, trajando apenas uma calça folgada. Os sapatos haviam sumido, assim como a camisa — e, por um segundo, Aurora não pôde deixar de olhar fixamente para ele. Aquele rapaz devia ter acabado de sair da árvore. Tinha cabelo comprido, um olhar meio ensandecido e, obviamente, não era Apollo.

— Quem é você? — indagou ela.

Ele ergueu os olhos e inclinou a cabeça lentamente. Então perguntou:

— Você não sabe quem eu sou?

Aurora fez que não.

O desconhecido lhe deu um sorriso que estava mais para sarcástico do que para simpático, e declarou:

— Isso torna as coisas muito mais divertidas.